

## A CONSTRUÇÃO TÓPICA EM TEXTOS ESCOLARES

Mariana Vidotti de Rezende

**Resumo:** Partindo-se da hipótese de que a metodologia escolar nem sempre leva o aluno a dominar o padrão escrito, este trabalho tem por objetivo analisar se os alunos das séries finais do Ensino Fundamental são capazes, ou não, de utilizar com desenvoltura e propriedade os padrões da escrita em função do gênero textual e das condições de produção. Verifica, mais especificamente, se os discentes desenvolvem textos “bem-formados” como prevê o padrão escrito.

**Palavras-chaves:** padrão escrito, dinâmica tópica, coloquial falado.

**Abstract:** Based on the hypotheses that school methodology doesn't take the students, in most of the cases, to dominate written pattern, this research has as its objective to analyze if the if Secondary School students are capable, or not, to use with property the writing pattern in function of the literal sort and production conditions. It verifies, more specifically, if the students develop “well-formed” texts as it foresees the standard written.

**Key-words:** written pattern, topical dynamic, colloquial spoken.

### Introdução

Este trabalho pretende apontar alguns problemas que os alunos do ensino fundamental apresentam para desenvolver tópicos discursivos de acordo com o que espera a norma culta escrita da língua.

O objeto particular de investigação serão textos produzidos por alunos, de diferentes classes sociais, da oitava série do ensino fundamental, produzidos sem interferência docente. Estes textos funcionarão como material diagnóstico para analisar a distância que os textos destes alunos apresentam em relação ao padrão escrito.

Esta pesquisa busca saber qual o conhecimento do padrão escrito que os alunos adquiriram nas séries anteriores, por meio de um estudo da construção da seqüência tópica dos textos. Pretende motivar, portanto, a reflexão, por parte dos professores e estudiosos da língua, sobre os fatores determinantes dos desvios lingüísticos por parte dos alunos. Ora, de

acordo com os Parâmetros Curriculares (1998), o aluno deve saber analisar de forma crítica e competente os diferentes discursos, inclusive o próprio. Daí a importância de se dominar também o padrão escrito. Ora, os indivíduos dotados dessa capacidade são mais desenvolvidos intelectualmente, são críticos e dotados de um instrumento a mais na luta contra as desigualdades sociais.

O problema que conduziu a essa pesquisa é o fato de os textos escritos produzidos por alunos das séries finais de Ensino Fundamental (e mesmo do Ensino Médio) trazerem, em sua construção tópica, marcas explícitas da língua falada (suspensão e interrupção tópica).

Os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) preconizam que, durante o processo de produção de textos escritos, espera-se que um aluno do ensino fundamental, entre outros aspectos, seja capaz de utilizar “com propriedade e desenvoltura os padrões da escrita em função das exigências do gênero e das condições de produção” (1998, p.52).

Primeiramente, o trabalho, buscando alicerce em pesquisadores da área, conceitua tópico discursivo e aponta diferenças entre a construção tópica do discurso falado e a construção tópica do discurso escrito, considerando-se para isso, a escrita formal.

A segunda etapa do trabalho apresenta dois textos de alunos do ensino fundamental de classes sociais diferentes e analisa a capacidade ou não que esses alunos têm de desenvolver a dinâmica tópica seguindo os padrões da escrita formal.

## **1.Fundamentação teórica**

Em sentido geral, o tópico discursivo pode ser definido como “aquilo sobre o que se está falando” (Brown & Yule, 1983, p.73). Pode-se dizer que a articulação tópica, além de estruturar a conversação, pois é por meio dela que se estabelece e que se mantém a interação, é uma estratégia que depende do jogo interacional. Ora, se não há interação, o tópico não se constrói.

Na sua teoria da interação verbal, Bakhtin (1992, p.112) assegura que “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados”. Os interlocutores situam-se num espaço físico-temporal bem definido. E “a palavra é determinada tanto pelo

fato de que procede de alguém como pelo fato de que se dirige a alguém”. Ela constitui justamente o produto da interação do produtor e do receptor (1992 p.113).

Nesse sentido, Fávero (1999, p.16) salienta que “é na interação e por causa dela que se cria um processo de geração de sentidos, constituindo um fluxo (movimento de avanço e recuo) de produção textual organizado”.

Em seu estudo a respeito do tópico discursivo, Jubran (1993) estabelece que o tópico deve ser definido a partir de dois traços básicos: a centração e a organicidade.

A centração, segundo a mesma autora, é a capacidade de focalizar um referente, um assunto. Já a organicidade é a propriedade por meio da qual o tópico se manifesta dividido em subtópicos (tópicos menos abrangentes e mais particulares) que mantêm entre si uma relação de interdependência que pode ser observada em dois planos: no plano *horizontal*, indica a relação entre os tópicos na linha discursiva, e no plano *vertical*, que diz respeito às relações de interdependência existentes entre um determinado tópico e suas subdivisões (subtópicos).

Ao tratar da continuidade tópica, cabe ressaltar, todavia, que estamos considerando que um texto “bem escrito” é aquele que desenvolve a dinâmica tópica seguindo as características da modalidade escrita formal, que será tomada aqui como um gênero do discurso secundário.

Bakhtin (1997), em seu estudo sobre os gêneros do discurso, procura estabelecer algumas diferenças essenciais entre os gêneros e para isso, classifica-os em *gêneros primários* e *gêneros secundários*. Para ele, os gêneros primários do discurso aparecem em circunstâncias do cotidiano, que se constituem em situações verbais mais espontâneas. Já os gêneros secundários aparecem em situações mais complexas e relativamente mais evoluídas, principalmente escrita.

Assim, é preciso salientar que a língua falada (gênero primário) e a língua escrita (gênero secundário), por conta das diferentes condições de produção, apresentam características próprias em relação à condução tópica e:

Nisto residem algumas diferenças interessantes entre a oralidade e a escrita, tendo aqui o tempo e o espaço um papel importante, já que a oralidade se dá num tempo real e a escrita num tempo defasado (não só em relação à recepção, mas também em relação à produção) (MARCUSCHI, 1999, p.3).

Nesse sentido, cabe realçar que na conversação se estabelece um espaço comum partilhado entre os interlocutores para que haja interação. Ora, o processo de desenvolvimento tópico, nesta modalidade, é simultâneo à produção, ao passo que o texto escrito segue um processo enunciativo a longo prazo, no qual o contexto é previamente definido. Com efeito, as condições distintas de produção de ambas as modalidades geram diferenças na organização tópica.

Ao analisar um texto oral e comparar suas características com as de um texto escrito, é possível verificar que a língua oral apresenta um caráter fragmentário próprio da falta de elaboração prévia. Ora, o texto conversacional é construído espontaneamente, sem tempo para a elaboração e essa simultaneidade entre planejamento e produção muitas vezes leva o falante a não encontrar, no ato da conversação, uma alternativa de formulação imediata e definitiva. Isso faz com que o tópico em andamento seja interrompido, desconstruído, entremeado de inserções, digressões, etc.

Segundo Jubran (1993), essa descontinuidade na organização tópica “decorre de uma perturbação da seqüencialidade linear, acarretada ou pela suspensão abrupta e definitiva de um tópico, antes de seu necessário desenvolvimento, ou pela cisão de um tópico em partes, que se apresentam de forma não-adjacente na linearidade discursiva” (p.63-64).

Segundo a mesma autora, a suspensão do tópico ocorre quando este é repentinamente suspenso e não reaparece em nenhum outro ponto da conversação. Já a cisão do tópico ocorre quando há uma inserção e o tópico é retomado em outro(s) momento(s). Nesse sentido, Jubran salienta a inserção de informações paralelas e subsidiárias no tema em curso, como um fenômeno que causa descontinuidade.

Jubran (1994), afirma que a continuidade se caracteriza por uma relação de adjacência entre dois tópicos que ocorre no momento em que há o esgotamento do tópico anterior, ou seja, um tópico se inicia a partir do momento em que o outro, o anterior, se encerra.

Já a descontinuidade, segundo Hilgert (2003), “como o próprio nome já diz, consiste numa interrupção do fluxo formulativo, atribuída, em princípio, ao fato de o falante não encontrar uma alternativa de formulação imediata e definitiva” (p. 123). Ora, a língua

falada se desenvolve sem planejamento prévio, com monitoração local, ou seja, o tópico é desenvolvido interativamente.

Como já foi salientado anteriormente, ao tratar da organização tópica da língua escrita e ao distingui-la da fala, será considerada a estrutura *tradicional* de cada uma das modalidades. A escrita, em seu nível mais formal e a fala, em seu nível menos formal. Ora, o grande papel e a grande dificuldade da escola é capacitar seu aluno a não só reconhecer as variações da língua (tanto falada quanto escrita), mas também dominar o padrão que afinal, é o que justifica sua presença nas aulas de Língua Portuguesa. Nesse sentido, acredita-se que a escola deva adotar uma postura crítica,

Procurando desenvolver no aluno a capacidade de compreender textos orais e escritos e de assumir a palavra, produzindo textos em situações de participação social, o que se propõe ao ensinar os diferentes usos da linguagem é o desenvolvimento da capacidade construtiva e transformadora (PCNs, 1998, p. 41).

E, dentre os fatores que garantem essa capacidade construtiva do aluno, está o domínio da norma culta da língua escrita que se apresenta como uma competência a mais, segundo Marcuschi (1998), um dialeto a mais que o aluno pode dominar para garantir seu espaço na sociedade. Ora, “a escrita ocupa um papel central na vida das sociedades ditas ‘letradas’” (p. 105).

## **2 Análise dos dados**

Levando em consideração a teoria exposta, serão analisados textos escritos produzidos por dois alunos da 8ª série, de diferentes classes sociais (A, 13 anos, de classe social média baixa, estudante de escola pública e B, 13 anos, de classe média alta, estudante de escola particular).

Como esse trabalho investiga os problemas que os alunos encontram para desenvolver a dinâmica tópica de acordo com o “bem escrito”, trataremos aqui, mais especificamente, da descontinuidade tópica característica da fala presente nos textos escritos desses alunos.

O *cópus* deste trabalho é constituído de duas produções textuais. Foi proposto a A. que escrevesse um texto a partir de um tema escolhido pela turma (*Guerra de aviõezinhos*).

A B., foi proposto que elaborasse uma redação a partir de um parágrafo dado cujo título era *No país do futebol.*

A intenção era fazer uma avaliação diagnóstica da influência da oralidade nos textos dos alunos que pudesse constituir-se em material diagnóstico para uma futura aplicação de metodologias que conscientizassem os alunos das falhas encontradas.

A análise dos textos escritos produzidos pelos estudantes revela que eles não apresentavam, nesse primeiro momento, a consciência de como se formula um texto escrito. Ora, a construção tópica de seus textos apresenta mais características de uma produção textual falada que de uma produção escrita.

Os sujeitos construíram seus textos sem a intervenção da professora. Ora, a intenção era fazer uma avaliação diagnóstica de como os discentes desenvolvem o tópico no texto escrito e verificar, em um momento posterior, se as estratégias de ensino de produção textual foram bem trabalhadas e exploradas nas séries anteriores à série em questão.

Os textos elaborados foram os seguintes:

Aviõezinhos na sala	No país do futebol
Aluno A	Aluno B
Essa coisa de ficar jogando aviãozinho na sala os alunos são chatos quando começam a tacar aviãozinho é difícil de resolver.  Quem começou com isso foi o Marco Aurélio fez um avião e fica tacando nos outros então os “paga-paus” dele comecarama fazer guerrinha tanto de avião, quanto bola de papel.  Já foi chamada a atenção da classe mais não tem jeito toda aula é a mesma coisa um faz, um avião derepente tem 15 aviões voando e nessa “guerrinha” fazem um barulho danado.	<i>“Eu e mais 200 pessoas assistíamos ao jogo do Brasil em uma TV, ligada na vitrine de uma loja. Estava passando o replay de um gol do Brasil, quando um gaiato vem e desliga a TV”.</i>  Furioso fui até o gerente e ao comprador e disse que se pudesse deixar a tv até o fim do jogo agradeceria, mas não quis deixar, então começaram a gritar lá de fora.  Deixa a tv!deixa a tv, até que de tanto insistirem ele resolveu deixar a tv até o final da partida e até assistiu o jogo comigo

E isso vai continuar até a Diretora ou a Orientadora chamar a atenção desses delinqüentes e bagunceiro da sala.	e mais 200 pessoas e no final do placar Brasil ganhou de 5 a 0, assim cada brasileiro foi feliz para sua casa.
---	--

Em A., nota-se que, no primeiro parágrafo ocorre a suspensão do tópico em desenvolvimento.

*Essa coisa de ficar jogando aviãozinho na sala/ os alunos são chatos quando começam a tacar aviãozinho/ é difícil de resolver.*

No ponto indicado pela primeira barra, o aluno interrompe o enunciado antes mesmo de formular plenamente a informação. Não há neste caso, uma ruptura abrupta do tópico. Ora, após a inserção de parênteses (*os alunos são chatos quando começam a tacar aviãozinho*), o aluno retoma o tópico. Essa inserção provoca uma interrupção no desenvolvimento contínuo e natural da unidade temática que caracteriza a organização tópica da LF.

Vejamos, então, o segundo parágrafo de A e o terceiro parágrafo de B.

*Já foi chamada a atenção da classe mais não tem jeito  
toda aula é a mesma coisa  
um faz, um avião  
derrepente tem 15 aviões voando  
e nessa “guerrinha” fazem um barulho danado.*

*Deixa a tv!deixa a tv  
até que de tanto insistirem ele resolveu deixar a tv ligada até o final dapartida  
e até assistiu o jogo comigo e mais 200 pessoas  
e no final do placar Brasil ganhou de 5 a 0,  
assim cada brasileiro foi feliz para sua casa*

Nota-se que cada uma dessas letras traz uma informação nova que é exposta por meio de frases que, na maioria das vezes, não apresentam referentes que as antecedam e que as sucedam. São frases soltas que se sucedem sem limites nítidos e que se justapõem

sem critério semântico nem sintático. Os parágrafos são compostos por uma mistura de frases coordenadas e subordinadas que se associam desconexamente e independentemente umas com relação às outras e sem pontuação adequada. Essas características, próprias da fala, devem ser evitadas, ou mesmo, eliminadas no discurso escrito.

É fácil verificar, portanto, que temos aí orações independentes e, muitas vezes, incompletas: frases cuja estrutura foge dos padrões sintáticos utilizados pela escrita e que são construídas, cada uma delas, em torno de um só verbo o que revela falta de elaboração.

### **Considerações finais**

A análise dos textos escritos produzidos pelos estudantes revela que o fato de pertencerem a classes sociais diferentes, o fato de estudarem em instituições diferentes, não influenciou no melhor ou pior domínio do padrão escrito. Ora, ambos apresentam uma visão imatura do que seja a modalidade escrita formal. Eles parecem não ter a plena consciência de que o texto escrito não é mera transposição do oral-dentro de um *continuum* de produção, seus textos se apresentam mais próximos do coloquial falado que do escrito formal.

A elaboração deste trabalho possibilitou relatar que os desvios do padrão que ocorrem nos textos como influência da oralidade, são conseqüências da falta de domínio da produção escrita que os alunos apresentam. Verifica-se então, a importância e a necessidade de se propor novas metodologias capazes de interferir positivamente na capacidade textual dos sujeitos.

Conclui-se, então, que as atividades propostas em sala de aula não têm orientado os alunos a refletirem sobre suas atitudes e ações ao escrever. Com efeito, cabe às instituições de ensino instrumentalizarem seus professores para que eles possam refletir e repensar estratégias que contribuam com uma estruturação consciente de projetos de ensino sólidos.

### **Referências bibliográficas**

BAKTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.



BRASIL, Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa, Brasília, 1998.

CASTILHO, A. T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998.

GALEMBECK, P.T. *Procedimentos de expansão do tópico em diálogos simétricos*. Londrina: s.c.p.,2004. Manuscrito inédito cedido pelo autor.

JUBRAN, C.C. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, A.T (org.). *Gramática do português falado*. Vol. 3. Níveis de análise lingüística. Campinas: Ed. UNICAMP/FAPESP,1993, p. 61-73.

MARCUSCHI, L. A língua falada no ensino de português. In: BASTOS, N. M. (org.). *Língua Portuguesa: história, perspectivas ensino*. São Paulo: EDUC, 1998, p.101-119.

MORAES, L.C. A sintaxe na língua falada. In: PRETI, D. (org.). *Análise de textos orais*. 2.ed. São Paulo FFLCH/USP, 1995, p.169-188.

MUSSALIN, F. e BENTES. *Referenciação e Progressão Tópica: Aspectos Cognitivos e Textuais*. Recife: s.c.p., 1999, manuscrito inédito cedido pelo autor.